



2º CICLO DE VISITAS GUIADAS

**Percurso Real
do Complexo Mineiro Romano
Centro Interpretativo de**

2 de Junho de 2018

TRESMINAS é uma [freguesia portuguesa](#) do concelho de [Vila Pouca de Aguiar](#), com 55,85 km² de área e 415 habitantes (2011) (densidade populacional: 7,4 hab/km²), situada na [Serra da Padrela](#), 15 km a leste da sede do concelho.

Inclui no seu território os seguintes lugares: Covas, Filhagosa, Granja, Revel, Ribeirinha, Cevivas, Tresminas, Vales e Vilarelho.

O padroeiro da freguesia é [São Miguel](#). A festa em sua honra festeja-se no dia 29 de Setembro.



A exploração Romana de Tresminas foi iniciada durante o reinado de Augusto (27a.C. - 14d.C.), prolongando-se até à segunda metade do séc. II, tendo a sua exploração regular cessado na época de Sétimo Severo. A exploração terá sido feita pelo sistema de cortas a céu aberto, originando as crateras de grandes dimensões que até hoje testemunham na paisagem o esforço humano ali empreendido. Segundo Alarcão (1988), «tais desmontes só podem ter sido feitos por grandes grupos de operários, cuja

contratação e vigilância ultrapassava a capacidade administrativa e financeira de um particular ou de uma pequena sociedade empresarial (...) e parecem ter exigido uma média de 2000 trabalhadores trabalhando diariamente durante 200 anos». Existem três cortas de exploração: a Corta de Covas, a Corta de Ribeirinha e a Corta de Lagoinhos, sendo as duas primeiras de dimensões consideravelmente superiores, atingindo profundidades da ordem dos 100 m. Transversalmente à orientação do filão, foram abertas as várias galerias, entre as quais: Galeria do Pilar, Galeria do Texugo, Galeria dos Alargamentos, Galeria dos Morcegos e Galeria do Buraco Seco. Este complexo sistema de galerias permanece, na maioria dos casos, passível de ser visitado. Destinava-se ao transporte de materiais e ao escoamento das águas para drenagem das cortas, razão pela qual se verifica sempre declive em relação à abertura, à superfície. Crê-se que parte do trabalho de tratamento de minérios decorresse igualmente no interior das galerias.

O abastecimento de água era feito por meio de aquedutos, a partir do Rio Tinhela e da Ribeira da Fraga, localizados a montante. Já foram identificadas duas barragens romanas na área envolvente à povoação de Tinhe-
la de Baixo. A



TRESMINAS – Aspecto de uma corta

antiguidade da presença humana naquela zona é reforçada pela existência de pontes e estradas caracteristicamente romanas, bem como pela existência de castros mineiros (destacando-se, como exemplo, o Castro de Cidadelha de Jales, recentemente incluído numa candidatura galaico-portuguesa a Património da Humanidade).

A importância do território mineiro de Tresminas e Jales ainda está por se revelar na sua totalidade, tal é a dimensão do legado patrimonial e natural dos nossos antepassados.

Alguns passos têm sido dados para conhecer melhor o Complexo Mineiro Romano, a nível académico e turístico, através da investigação, aprofundando o conhecimento relativo à evolução daqueles territórios e o percurso explicativo que ajuda o visitante na compreensão das antigas minas, desde o achado áureo ao respetivo *modus operandi*.



Em Tresminas vamos conhecer uma das maiores explorações de ouro do Mundo Romano, actualmente classificada como Imóvel de Interesse Público, contemplando os vestígios da exploração mineira a céu aberto, percorrendo as galerias subterrâneas de transporte do minério, observando a adaptação dos seres vivos às condições extremas do local.

O complexo Mineiro Romano de Três Minas representa uma das mais importantes explorações de ouro do Império Romano. Os séculos I e II dC foram de intensa actividade mineira, principalmente para a exploração de ouro, mas também de outro minérios, como prata e chumbo. Destes trabalhos resultou um conjunto monumental formado pelas Cortas de exploração a céu aberto e por um interessante complexo de poços e galerias subterrâneas. Durante cerca de dezoito séculos, este património permaneceu bem preservado, o que motivou a sua classificação como Imóvel de Interesse Público (1997) e, mais recentemente a classificação de alguns componentes do sistema de abastecimento de água a esta zona m como monumento de interesse público (2012). Actualmente, os trilhos sinalizados possibilitam a visita interpretada a esta mina pública romana, desde a perspectiva global a partir dos miradouros sobre as cortas até à incursão nas galerias subterrâneas, na companhia de um guia.

Há cerca de 2000 anos os Romanos instalam-se também na região de Vila Pouca de Aguiar. Esse domínio romano começa por se revelar pela presença de destacamentos das famosas legiões romanas, associada ao início da exploração em larga escala do ouro de Tresminas e Jales, em plena Serra da Padrela.



TRESMINAS - Vista de uma galeria

A partir de então, neste como noutros lugares do Império Romano, quase nada mais será como dantes.

Essa será uma época de aceleração histórica, marcada por profundas transformações, estando muitas delas na origem do que hoje marca o nosso tempo e o nosso mundo.

Nas jazidas primárias ou na rocha, como é o caso de Tresminas, o ouro encontra-se sob a forma de partículas muito pequenas (quase microscópicas) em estado nativo, e associado a sulfuretos minerais, em filões e pequenos veios de quartzo que encaixam numa rocha de xisto. Para o obter é necessário desfazer essas rochas até reduzi-las a um tamanho tão fino que permita separar o ouro por gravidade, uma vez que

é neste composto o material mais pesado. O conteúdo em ouro da jazida de Tresminas é muito variável: entre 0,4 e 14,3 gramas por tonelada, sendo assim muito difícil calcular o ouro obtido na Antiguidade.

De todo o modo, podemos considerar que seria obtido uma média de 1,68 gramas de ouro por tonelada de rocha (estimativa global para depósitos primários do Noroeste peninsular).

Uma vez localizada a zona de procedência dos rios auríferos, a segunda fase de prospecção consistia na extracção de amostras à superfície do terreno para ver se continham ouro - e, se assim fosse, esse ouro extraído era denominado de *talutio*.



TRESMINAS - Corta de Covas

Tecnologia mineira

Em quase todas as jazidas primárias ou em rocha, como a de Tresminas, o primeiro passo da exploração consistia na obtenção do ouro *canalício*. Esse correspondia ao ouro que se extraía mediante trincheiras ou galerias que seguiam os filões com mineral localizado à superfície. Para o efeito, os mineiros utilizavam, designadamente, picos e cunhas - a Corta de Lagoinhos constitui disso um bom exemplo.

Quando se comprovava que a mineralização se encontrava disseminada numa ampla massa de rocha, progressivamente eram feitas grandes cortas a céu aberto para extrair todo o material mineralizado. Este é o caso das Cortas de Covas e da Ribeirinha. Como nessas cortas foi utilizada a força hidráulica para a extracção, o tratamento e a evacuação do minério, esses trabalhos podem corresponder em parte ao que Plínio o Velho denominou de *arrugiaie*.

Considera-se que o volume de rocha removido foi aproximadamente o seguinte:

- Corta de Lagoinhos: 3.400 m³
- Corta de Ribeirinha: 1.500.000 m³
- Corta de Covas: 1.806.000 m³

Assim sendo, em Tresminas terão sido removidos aproximadamente 3,3 milhões de metros cúbicos de rocha, equivalente a cerca de 9,24 milhões de toneladas.



O Destino do Ouro

De acordo com o volume de material removido e com a lei da jazida aurífera (1,68 g/ ton), na zona mineira de Tresminas terão sido

A construção de uma paisagem mineira

As cortas, as escombrelas e toda a restante infraestrutura mineira e hidráulica constituem a marca mais expressiva deste território. O complexo mineiro, no entanto, é formado por outras áreas construídas. A poucas centenas de metros da Corta das Covas estendia-se um dos povoados mineiros e mais a norte, não muito distante, ladeando a estrada romana, ficava a respectiva necrópole (o agora designado "Cemitério dos Mouros").

Mas outras áreas construídas ainda hoje se mostram à superfície do terreno. A mais curiosa, também na proximidade da Corta das Covas revelada por um talude no terreno, e que tem suscitado diferentes interpretações, situa-se numa plataforma elevada. Alguns investigadores têm colocado a hipótese de corresponder a um anfiteatro (essencialmente lugar de combate entre homens e entre homens e feras) ou mesmo a um hipódromo (onde teriam lugar sobretudo as corridas de carros atrelados a cavalos). Mas talvez corresponda antes a uma outra área habitacional ou mesmo ao acampamento dos militares que aqui estacionaram para impulsionar a exploração mineira. A investigação faz-se de dúvidas e também neste ponto tem de prosseguir para as esclarecer.



Paisagem mineira de Tresminas (*reconstituição*) Cotas mineiras, escombrelas, povoado de Veiga de Samardã e Necrópole

Sabemos da existência e localização desta povoação, mas as poucas sondagens arqueológicas efectuadas até ao momento no local não permitem ainda definir com rigor as suas principais características. O que até agora foi descoberto permite-nos imaginá-la, a dado momento, como uma povoação que não ultrapassaria as quatro dezenas de casas, distribuídas por cerca de um ou dois hectares. Estas casas seriam pequenas, porventura com três ou quatro divisões, erguidas com paredes em alvenaria, pavimentos térreos e coberta de telhas. Seriam construções singelas, moradas de gente humilde, ainda que haja indícios de pelo menos uma construção de maior porte, possivelmente relacionada com a presença no povoado de quadros técnicos e administrativos. Durante o século III terá ficado despovoada, como resultado do abandono da exploração mineira.

Mas para além deste povoado haveria outros em torno das minas. Um ou outro povoado de altura, amuralhado, com origem pré-romana, poderá ter continuado habitado.

Outros, surgidos já durante o séc. I d.C., terão ocupado zonas mais baixas, podendo estar na origem de povoações actuais, como as de Tresminas, Covas e Ribeirinha. Seria nestas povoações que viveriam todos aqueles que aqui trabalhavam - no total, a dada altura, talvez fossem 300 ou 400 os mineiros em Tresminas.

Daqui, bem protegido por legionários, o ouro seguia o seu caminho até Roma passando, para controlo e pesagem, por Astorga, pela via XVII, que ligava Braga a Chaves (*Patrícia Machado, arqueóloga*)

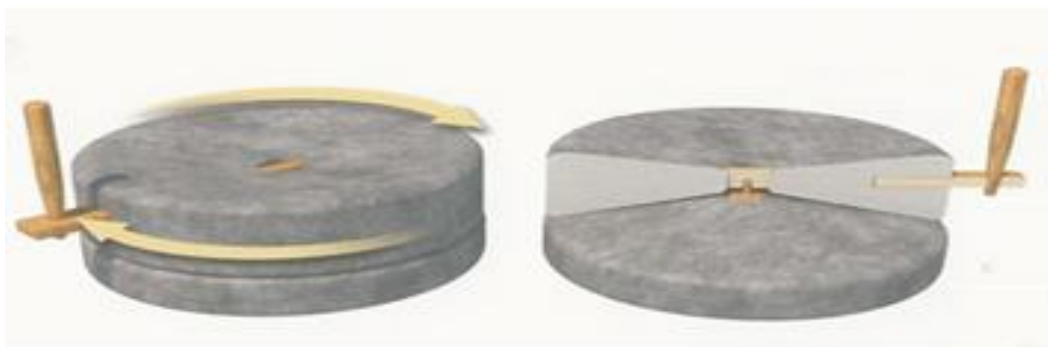
“O sítio está bem protegido”, assinala Saiz, acrescentando que, se há algo a destacar é precisamente a continuidade de trabalhos e estudos, garantidos nos próximos anos através de um protocolo com o Centro Superior de Investigações Científicas de Espanha. Já Tresminas deve muito, em termos de estudo, a um casal de arqueólogos, o alemão Jurgen Wahl e a suíça Regula Clerici Wahl, que há 30 anos se aventurou a seguir as pisadas dos romanos nesta zona, num esforço continuado actualmente,

e com regularidade, pela Universidade de Hamburgo. Mas outras instituições, como a vizinha Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, ou a Universidade do Porto, têm-se interessado por este património, garantindo que ele continuará a ser investigado.

As actividades do quotidiano

Nos povoados teriam lugar actividades que garantiam a subsistência diária das populações residentes. Não obstante as ligações comerciais estabelecidas com outras regiões, mesmo com as mais longínquas do Império, a economia das sociedades antigas nestes territórios interiores tendia para uma certa auto-suficiência.

Também aqui podemos imaginar as famílias dos mineiros a cultivar os campos em socalcos desenhados em redor do povoado ou a criar algumas



TRESMINAS – Mós manuais rotativas. Esquema de funcionamento

cabeças de gado. Em cada casa moía-se o trigo e cozia-se o pão, mas também se podiam fabricar tecidos de linho

ou em lã - as mós manuais rotativas

constituem um testemunho claro dessa prática continuada de farinação dos cereais, assim como os *cossoiros* e os pesos de tear, descobertos no local, revelam as habituais actividades de fiação e tecelagem.

Pequenas forjas, documentadas no local, permitiam ainda produzir algumas ferramentas em ferro, necessárias ao trabalho nas minas ou indispensáveis ao amanho da terra. Pequenos utensílios em bronze ou mesmo em chumbo também poderiam ser produzidos localmente.

Escavações arqueológicas futuras poderão vir ainda a documentar, em torno de algum dos povoados, simples fornos para cozer telhas ou louças (de ir ao lume ou de armazenamento) ou mesmo os restos de um lagar.

A população - *quem aqui vivia, aqui trabalhava e aqui morria*

A população que trabalhava em Tresminas, residente nos povoados mineiros, seria maioritariamente nativa - os seus antepassados teriam habitado os antigos povoados amuralhados da região, como o Castelo dos Mouros (Cidadelha de Jales).

Seria gente humilde, mas de condição livre (peregrini), que pagava em parte o imposto devido a Roma sob a forma de jornadas de trabalho nas frentes mineiras (prestações de operae). Com a obrigação, como tributação, de trabalhar nas minas, estes mineiros, indígenas operati, teriam certamente uma vida dura, mas não eram propriamente escravos.

Para além da população indígena, algumas figuras mais notáveis distinguiam-se nestas paragens. Seriam sobretudo cidadãos romanos oriundos de regiões distantes. Um ou outro desses indivíduos, os mais ilustres que por aqui passaram, poderiam ser representantes da administração provincial. Outros, que aqui viveriam durante largos períodos, seriam os quadros técnicos cuja formação especializada ajudou a pôr em marcha a exploração mineira. E entre estes emigrantes destacam-se os clunienses (oriundos da cidade de Clunia) registados na epigrafia funerária de Tresminas - também estes clunienses aqui trabalharam e aqui morreram.

Os legionários romanos, que para além de desempenharem um papel activo na organização deste território, foram dos principais agentes difusores entre os indígenas dos costumes e modos de vida romanos.

O Comércio e os Produtos Importados

Às gentes deste território chegavam produtos oriundos de diversas partes do Império. Alguns vinham de regiões contíguas, como os tecidos em linho dos Zoelas (povo da área de Bragança) ou os pratos de engobe vermelho produzidos em Lugo. Outros eram provenientes de zonas bem mais distantes, desde os serviços mais requintados de louça (a terra sigillata) feitos no Vale do Ebro, ao apreciado vinho e ao afamado azeite das zonas mais meridionais da Hispânia, habitualmente transportados em ânforas mas que a estas regiões interiores chegariam preferen-

cialmente em barris ou odres. Outros produtos, mais específicos e refinados, destinados sobretudo àqueles (civis ou militares) que geriam a exploração, poderiam ser provenientes de paragens ainda mais distantes, situadas inclusivamente na península itálica. Todos estes produtos chegavam por via terrestre.

Os mercadores, com os seus carros atrelados a cavalos, calcorreavam os caminhos térreos ou empedrados ao longo de dezenas ou mesmo centenas de milhas. Alguns atravessariam praticamente toda a Hispânia, percorrendo uma estrada que ligava ao vale do Ebro e às suas cidades mais importantes (como Caesaraugusta - actual Saragoça). Em certos casos, para vencer distâncias mais longas, uma primeira parte desses trajectos seria feita por barcos que navegavam ao longo da costa, descarregando as mercadorias em portos como o de Cale (Porto ou Caia). O restante percurso para o interior poderia ser feito em parte por via fluvial, em embarcações mais pequenas - primeiro pelo Douro e depois subindo o Tâmega.

Toda esta dinâmica comercial tinha lugar no quadro do mercado comum do Império e assento no uso corrente de uma moeda única - a moeda romana.

A moeda de ouro romana o *aureus*

Muito do ouro de Tresminas poderá ter sido inicialmente encaminhado para a oficina monetária de Lyon (Lugdunum - importante cidade romana na Gália / França) mas

a partir da segunda metade do século I d.C. terá sido essencialmente enviado para a cidade de Roma, onde estava a principal "Casa de Moeda". Foi na capital do Império que se concentrou a cunhagem do *aureus* - a moeda de ouro que começou a ser cunhada e a circular com regularidade ao



Aureus. Moeda de ouro de Augusto. Colecção particular

tempo do imperador Augusto.

O ouro de Tresminas poderia ainda ter sido encaminhado para oficinas monetárias situadas em território Hispânico, possivelmente localizadas em Tarraco (Tarragona, próximo de Barcelona) e Caesaraugusta (Saragoça). No entanto, as cunhagens de *aurei* na Hispânia terão ocorrido sempre em períodos curtos (ao tempo de Augusto, durante as guerras civis de 68-69 d.e. e no reinado de Vespasiano) e em reduzidas quantidades.



Aureus (moeda em ouro) de Trajano cunhada em 109 dC (coleção de MNA)

1 *aureus* (pesava 7,85 gr.) valia 25 denários (moedas de prata) ou equivalia a 100 sestércios (moedas

de bronze). O seu valor aquisitivo era elevado. Sabemos que durante o século I, em Pompeia, o preço de uma ânfora de vinho (c. 20 litros) variava entre os 12 e 48 sestércios ou que no Egipto romano com 1 *aureus* seria possível comprar 1,5 hectare de terra para cultivo. Convém referir que na Antiguidade também existiam notórias assimetrias regionais no que aos preços diz respeito, com o custo dos bens e serviços a ser muito mais elevado em Roma do que nas províncias.

Rituais e devoção religiosa

A religião estava presente em todas as dimensões da vida pública e privada dos Romanos. Todos os lugares e edifícios tinham a sua divindade protectora. Muitas das decisões e actividades eram precedidas de orações. Dirigiam-se as preces às divindades protectoras pedindo os seus favores.

Mas também se honrava a memória de familiares e amigos defuntos com orações. Para tal poderiam mandar lavrar na pedra, tanto a dedicatória a um deus, como o epitáfio de um ente querido, ficando assim estes gestos gravados para a posterioridade.



Era sobre essas aras ("altares em pedra"), as quais para além do nome do deus tinham gravado o nome de quem prestava o culto, que as chamadas libações tinham lugar ou seja, as orações eram acompanhadas pela queima de incenso ou de ervas aromáticas, e ao divino oferecia-se vinho,

leite, mel ou então os primeiros frutos de uma colheita.

Estes rituais efectuavam-se tanto no interior das próprias residências, no altar (larário) familiar, onde os deuses lares eram também cultuados, como em templos construídos em recintos públicos. Mas estas práticas de devoção também podiam decorrer ao ar livre, em sítios (como as nascentes de água, em pontos proeminentes de uma serra ou junto a rios) muito associados ao sagrado e à dimensão simbólica do mundo de então. E eram cumpridos votos tanto aos deuses romanos, como às divindades indígenas (de origem pré-romana), numa coexistência de cultos que constitui uma das marcas desse tempo.

Para se manter viva a memória de um defunto e assegurar a sua imortalidade, também nos espaços funerários se efectuavam oferendas e libações. Aos deuses Manes (Dis Manibus, os deuses dos mortos) dirigiam-se as preces de quem visitava ou percorria esses lugares de enterramento.

Os Deuses Romanos

Em Tresminas, assim como em Roma, seria Júpiter o deus com mais devotos ou que despertaria um maior fervor religioso. As preces e as oferendas ser-lhe-iam dirigidas por todos, a começar pelos soldados romanos que aqui cumpriram parte do seu serviço militar.

O novo sistema de crenças, centrado também aqui na devoção a Júpiter (enquanto divindade suprema e oficial dos novos tempos), ter-se-á progressivamente generalizado às populações indígenas, funcionando não só como mecanismo de regulação social, mas também como dispositivo ideológico legitimador da nova ordem sociopolítica instituída. Cumprir os votos a Júpiter seria uma manifestação de fidelidade às instituições romanas por parte de indivíduos e comunidades. Para as populações nativas partilhar esta fé com os soldados constituiria igualmente um sinal de integração ou uma forma de identificação com os novos valores culturais.

Neste território mineiro talvez tivesse sido construído e dedicado a Júpiter um pequeno *templum*. Não se identificaram ainda os restos desse provável espaço religioso, mas as inscrições gravadas na pedra que se conhecem, dedicadas pelos dois corpos militares aqui estacionados (legio VII Gemina e cohors I Gallica) e também por um militar a título particular, parecem denunciá-lo.

Os Deuses Indígenas

Em Tresminas conhecem-se também dedicatórias a divindades indígenas, de origem pré-romana: uma à deusa Nabia e outra, eventualmente, a Munidis (a primeira geralmente relacionada com os vales e a segunda talvez com os relevos montanhosos). A população indígena ser-lhes-ia particularmente devota, mantendo por esta via um apego à tradição e ao mundo sagrado dos seus antepassados.

Esta religiosidade pré-romana foi não apenas autorizada pelos Romanos como se manteve perfeitamente activa, ainda que se tivessem romanizado as anteriores práticas rituais: construíram-se templos, gravaram-se inscrições e adoptaram-se formulários latinos. Além disso

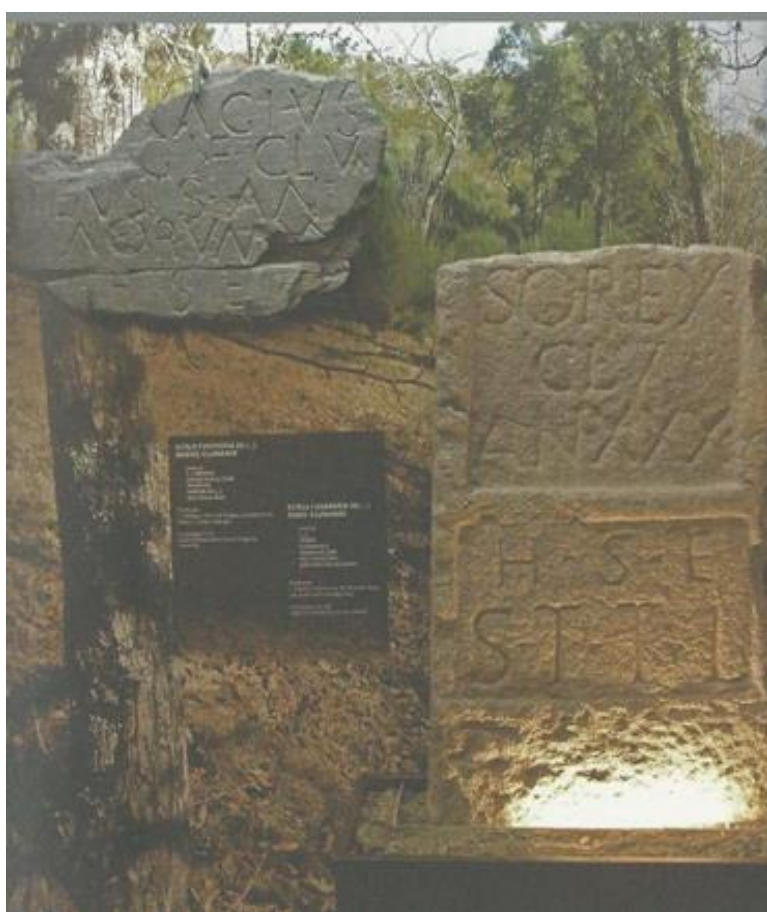
essas divindades indígenas, pela primeira vez, passaram a mostrar-se sob a forma de imagem ou de presença figurada que a mão podia tocar e a imaginação acolher.

O anterior sistema de crenças manter-se-ia assim plenamente actuante entre as comunidades nativas. Muitos continuariam, a este nível, totalmente comprometidos com a memória. Inclusivamente, ritos e superstições herdadas, poderiam continuar a marcar o quotidiano destas gentes tanto na convivência privada das suas habitações ou no espaço público dos povoados, como durante o trabalho, nas minas ou nos campos.

O Espaço Funerário

O espaço funerário, de acordo com o hábito romano, localizava-se sempre afastado da respectiva povoação e junto à passagem de um caminho. No caso de Tresminas sabemos que uma necrópole se situava a poucas centenas de metros do povoado da Veiga de Samardã, ladeando a principal via que se dirigia à área mineira.

Durante os séculos I e II as sepulturas seriam de incineração. Era esse então o ritual funerário mais habitual - os corpos eram cremados e as cinzas depositadas num pequeno pote, eram enterradas. A cremação do



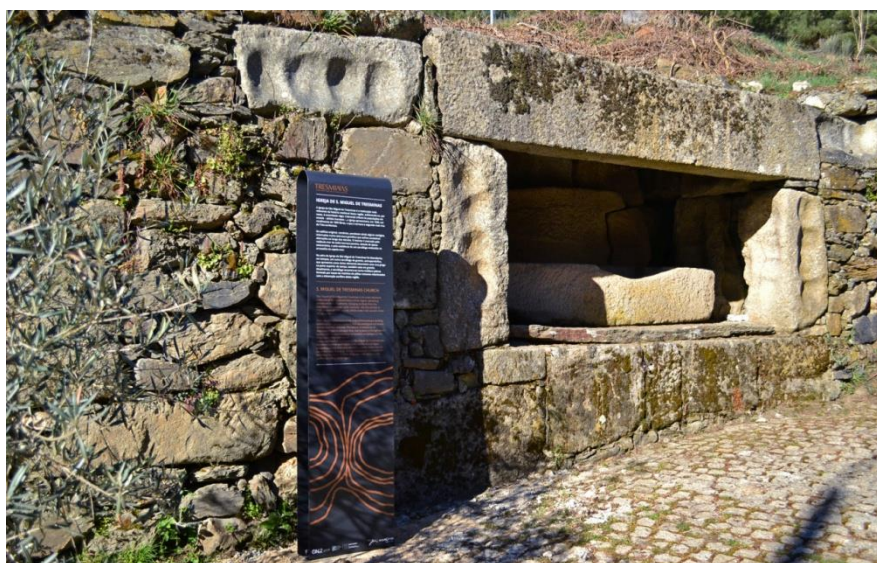
corpo, acompanhado de oferendas e de alguns dos seus pertences, poderia ainda ocorrer numa armação em madeira erguida sobre uma cova larga que receberia assim as cinzas diretamente - prática esta que se verificou na necrópole de Tresminas, face aos resultados de sondagens arqueológicas efectuadas.

As sepulturas seriam depois assinaladas por estelas epigrafadas (pedras com o nome do defunto, perpetuando-o) fincadas no solo. Algumas inscrições funerárias seriam

Estela funerária descoberta na aldeia de Covas
"Sorex Clunicense de 30 anos. Que a terra te seja leve "

gravadas em placas para afixar nas paredes de jazigos familiares dos mais ilustres. Em qualquer dos casos, essas epígrafes, observadas e lidas por quem passava nesses caminhos, acabavam por interpelar os caminhanes, chamando a sua atenção, levando-os a honrar os mortos e a rogar "que a terra te seja leve" (sit tibi terra levis).

CENTRO INTERPRETATIVO DE TRESMINAS



TRESMINAS – Sepultura monumental

Localizado no centro da aldeia de Tresminas, nas imediações da igreja de S. Miguel, este núcleo museológico composto por áreas expositivas interiores e exteriores permite o enquadramento histórico, arqueológico e natural da área mineira e coloca o visitante com tecnologia aplicada em

época romana para máximo aproveitamento do ouro. A interacção com os materiais encontra o seu expoente na área exterior onde se localizam os moinhos mineiros de trituração e pulverização da rocha pulverizada. A clara adaptação da fauna e flora a este contexto construído, secular, constitui um momento de descoberta, no percurso expositivo com a observação das distintas espécies que encontram no Complexo de Tresminas o seu habitat.

Há evidências marcantes de tempos mais recentes que foram moldando a face de Tresminas. A igreja medie-



val, datada do século IX, anterior à fundação da nacionalidade é um monu-mento a não perder numa visita a este local. Já o casario segue a traça tradicional da região, em pedra granítica e xisto. Neste espaço também se pode admirar artesanato típico da região. A natureza rica que rodeia toda a aldeia merece também atenção especial, já que o parque Arqueológico de Tresminas oferece, devido ao enquadramento paisagístico da terra, fauna e flora abundantes.

... dados curiosos



A flora da região, rica em urzes (*erica spp.*), confere ao mel um sabor característico que o torna muito apreciado. Esta influência no mel traduz-se, também, nas suas qualidades terapêuticas específicas, destacando-se as propriedades antioxidantes, antirreumáticas, diuréticas e de protecção contra os cálculos biliares!



Apesar de existirem indícios de que o castanheiro seria uma espécie espontânea nesta região, acredita-se que a difusão do seu cultivo ocorreu com o domínio romano!

Com os 20 000kg de ouro extraídos em Tresminas seria possível cunhar cerca de 2 500 000 moedas. O *aureus*, a moeda de ouro romana, foi introduzida pelo primeiro imperador, Augusto (27a.C. – 14d.C.).

Bibliografia

Tresminas, complexo mineiro do ouro romano. <https://www.tripadvisor.pt>

Complexo Mineiro de Tresminas, Município de Vila Pouca de Aguiar <https://cm-vpaguiar.pt>

Tresminas. *Wikipedia*

O Ouro de Tresminas, Editor ArqueoHoje Lda